AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VILMA OLIVEIRA DA SILVA

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo propor considerações acerca da literatura como um dos principais recursos do crescimento intelectual das crianças pequenas como forma de contribuir de maneira significativa para o protagonismo da história desses indivíduos desde a educação infantil. Nesse sentido, este estudo busca perceber o empoderamento das crianças na perspectiva de ampliar o acesso e o repertório cultural através da literatura, levando em consideração que a formação continuada dos profissionais da área da educação em relação às obras literárias infantis é imprescindível. A escola é uma amostra de nossa sociedade, reproduzindo suas riquezas e suas pobrezas. Ao mesmo tempo, é um espaço muito valioso, por receber as crianças em idade de formação de caráter e poder contribuir não só para a formação intelectual, aprendizagem, mas poder aproveitar o fato de ser um espaço privilegiado na sociedade para realizar análises críticas da realidade atual, no intuito de rever/resgatar/promover valores sociais e princípios, contribuindo enormemente para a formação de cidadãos mais respeitosos, éticos, dignos, fortalecidos, protagonistas e atuantes na sociedade.

Palavras chave: Literatura Infantil. Protagonismo. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Considerando a criança pequena como protagonista da sua história e tendo a literatura como um dos principais recursos do crescimento intelectual das crianças, percebemos que a literatura na infância pode contribuir de maneira significativa para essa história.

Os questionamentos que estiveram na base desta pesquisa resultaram da convivência entre o ideal de educação de infância, em que as diversas formas de literatura infantil (contos, poesia, parlendas e outras) têm uma presença determinante no mundo da criança, e a realidade de algumas escolas, onde os livros são escassos e, muitas vezes, os existentes se encontram perfeitamente arrumados nas prateleiras, sendo as crianças proibidas de lhes tocar, e em que o tempo efetivo dedicado às histórias e ao despertar da imaginação parece muito insuficiente. Desta situação problemática, a pesquisa foi se pautando em alguns questionamentos, que serviram de guia a este trabalho, apresentava-se ainda bastante aberta: “Como a literatura para a infância poderá contribuir para o desenvolvimento das crianças? Considerando este o questionamento inicial, que tipo de ofertas, de utilização de experiências, e ainda as possibilidades que se podem vislumbrar neste campo.

Procurou-se, contudo, através das reflexões e das referências bibliográficas, analisar a escola como uma amostra de nossa sociedade, reproduzindo suas riquezas e suas pobrezas. Ao mesmo tempo, sendo um espaço muito valioso, por receber as crianças em idade de formação de caráter e poder contribuir não só para a formação intelectual, aprendizagem, mas poder aproveitar o fato de ser um espaço privilegiado na sociedade para realizar análises críticas da realidade atual, no intuito de rever/resgatar/promover valores sociais e princípios, contribuindo enormemente para a formação de cidadãos mais respeitosos, éticos, dignos, fortalecidos, protagonistas e atuantes na sociedade. É impossível medir o valor e o poder de uma escola, assim como é impossível medir o efeito social de uma educação com respeito e valorização das diversidades.

Neste trabalho, algumas reflexões com base nas referências consultadas serão apresentadas, para que seja possível assegurar a importância da literatura infantil na Educação Infantil.

CONCEITOS E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTIL

A história da literatura infantil está atrelada à história da própria concepção de infância e os primeiros livros para crianças foram produzidos somente no final do séc. XVII e durante o séc. XVIII, antes disso não se escrevia para crianças, pois não existia o que chamamos hoje de “infância”; as crianças e os

adultos compartilhavam dos mesmos eventos sociais. Foi com o advento de uma nova classe social, a burguesia e a valorização de um modelo familiar burguês onde a criança ganha um enfoque de reprodução da classe, por isso um interesse maior na sua educação e na transmissão de valores burgueses.

A literatura infantil nasce então neste momento com o intuito de transmitir os valores desde novo modelo familiar centrado na valorização da vida doméstica, fundada no casamento e na educação de herdeiros.

Segundo Nelly Novaes Coelho a Literatura Infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 1991, p. 5).

Jesualdo (1978, p.19) define literatura infantil como "um dos aspectos da literatura dentre as várias modalidades artísticas", é a literatura que se preocupa com histórias para crianças, é forma literária voltada para a psique infantil, com vocabulário adequado ao conhecimento e à compreensão da criança.

Encontra-se, também, essa preocupação de cunho psicológico na definição de Bruno Bettelhein (2007, p.12) que entende por literatura infantil aquela que objetiva "desenvolver a mente e a personalidade da criança" e não só divertir e informar; como a que se deve ter significado para a criança, isto é, transmitir as experiências da vida.

Ainda de acordo com o mesmo autor a literatura, principalmente a dos contos de fadas é o melhor canal para ensinar o "significado" para a criança, uma vez que ao ouvir uma história a criança, também, pode conhecer os padrões morais de uma sociedade, levando, assim, para o seu cotidiano, os conceitos presentes nas histórias.

Para Oliveira (1978, p.13) a literatura infantil é como "alimento do espírito da criança". Assim, ao nosso ver, a literatura infantil pode ser comparada com a própria alimentação destinada à criança. Ela pode variar um pouco no sabor, na consistência, mas terá de conter os mesmos nutrientes em qualidade, da alimentação de um adulto. A literatura proporciona nutrientes imprescindíveis para a formação intelectual da criança.

A literatura infantil é originária das fábulas principalmente as orientais, que foram transmitidas às gerações posteriores, oralmente, desde séculos antes de Cristo. Ainda hoje os escritores de contos infantis vão buscar inspiração para suas obras, em histórias contadas pelo povo árabe, persas, indianos, judeus e egípcios.

A fábula é uma das expressões folclóricas, assim como as cantilenas e as histórias populares tinham o objetivo de ensinar a vida, a moral, a política, a religião através de proezas de heróis e bandidos. Portanto, a literatura infantil segundo Antenor Santos "não nasceu infantil", pois tendo se originado das fábulas, eram histórias dirigidas aos adultos com fim de ensinamento morais, sociais, religiosos e políticos. Foi muito difícil introduzir a literatura infantil no mundo literário, pois as crianças, assim como a mulher, não eram respeitadas e nem vistas como parte da população humana, e como tal não eram dignas de preocupação e atenção do adulto, sendo marginalizadas.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (1991) a literatura infantil surge de fato na França, na segunda metade do séc. XVIII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o "Rei Sol", que se manifesta abertamente à preocupação com a literatura para crianças e jovens. As Fábulas (1668) de La Fontaine; os contos da mãe gansa (1691/1697) de Charles Perrault; os Contos de Fadas (8 volumes-
1696-1699) de Mme D'Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon são os livros pioneiros do mundo literário infantil.

Assim, podemos dizer, portanto, que foi a França, através desses grandes literários, o berço da literatura infantil no mundo.

A literatura infantil brasileira surgiu tempos depois do início da europeia. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, começaram a ser publicados os primeiros livros para crianças no Brasil como afirma Zilberman e Lajolo (1986):

[...] a tradição de As aventuras pasmosas do Barão de Munchausen e, em 1818, a coletânea de José Saturnino contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural.
(LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p. 23).

Mas essas publicações, segundo as mesmas autoras, eram esporádicas e insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira, regular, para a infância e somente após a Proclamação da República é que se iniciou de fato uma literatura infantil brasileira. Segundo Arroyo a literatura infantil no Brasil iniciou-se com a Proclamação da República quando esta tentava consolidar uma política econômica que fornecia o café, produto básico para exportação.
Ainda na Monarquia a mão-de-obra escrava começa a ser substituída pela mão-de-obra assalariada, pois a Inglaterra precisava de um novo mercado no Brasil, para que seus produtos fossem consumidos.
Com o surgimento da urbanização acelerada, devido aos aumentos dos postos de exportação, surgem também mais oportunidades de emprego e há um crescimento no consumo de produtos culturais, os quais são vistos como um bom recurso para desenvolver a economia. O consumidor infantil passa a ser valorizado e a escola ganha destaque como instituição fundamental na adaptação do homem rural nas cidades, servindo aos interesses da burguesia que ascendia.
Sabemos que a modernização no Brasil se deu de cima para baixo sem levar em conta as peculiaridades de uma sociedade que queria abafar a realidade social de um país que abolira a escravidão e cuja economia centravase nas mãos de poucos latifundiários e cuja atividade era baseada na monocultura e na exportação de matérias-primas. Notava-se o não interesse da comunidade em mudar essa situação.
Apelos nacionalistas e métodos pedagógicos estimularam o aparecimento de livros infantis brasileiros, pois até então só tínhamos obras estrangeiras que surgiram nos últimos anos do século XIX, traduzidas e adaptadas, muitas delas por Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel. Graças a eles, circulavam no Brasil Contos seletos das Mil e uma noites (1882), Robinson Crusoé (1885) Viagens de Gulliver (1888) As aventuras do Alebérrimo Barão de Munchharisen (1891) Dom Quichote de La Mancha (1901).
Os contos clássicos de Grimm, Perrault e Andersen eram divulgados nos Contos da Carochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896); assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma.
Neste período destacava-se, também, o livro dos Contos infantis (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira.
Em 1904, Olavo Bilac e Coelho Neto editam seus contos pátrios. Já em 1907, Júlia Lopes de Almeida lança as Histórias da nossa terra. Em 1910, surge a narrativa longa; Através do Brasil, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim.
Segundo Arroyo (1998) a criação da biblioteca infantil ocorre em 1915 em São Paulo e foi efetuada pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto, o qual tinha um acervo com cerca de 100 livros famosos dentre eles: Dom Quixote, As aventuras de Gulliver, contos folclóricos e versões dos irmãos Grimm, de Perrault de Andersen e outros.
Nesse primeiro momento da literatura infantil brasileira há a apropriação de um projeto educativo ideológico, que provinha da Europa. Zilberman e Lajolo afirmam que:

Via de regra, a imagem da criança presente em textos desta época é estereotipada, quer como virtuosa de comportamento exemplar, quer como negligente e cruel. Alem de estereotipada, essa imagem é anacrônica em relação ao que a psicologia da época afirmava a respeito da criança. Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo um livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com os pais e professores...
(LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p. 34).

Nesta época, pouco se escrevia para crianças e as poucas obras que havia eram distantes da criança, pois se valorizava a literatura ideológica para crianças. O patriotismo estava configurado e enraizado na consciência política do país e a literatura infantil as-

sumia o papel de engajamento dessas ideias e os escritos desse período exaltavam a natureza e a paisagem, temas esses que são inspirações dos modelos europeus.
Zilberman e Lajolo afirmam que "... a extrema valorização da natureza torna-se radical em obras de autores como Olavo Bilac, Manuel Bonfim e Coelho Neto". (LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p. 48).
Em 1919, Tales de Andrade com o romance Saudade, no qual nota-se um discurso menos metafórico e conotativo, endossando e propagando a imagem de um Brasil que encontra na agricultura, sua identidade cultural, ideológico e econômica encerrando assim, esse primeiro período da nossa literatura voltada para as crianças.
Porém, é com Monteiro Lobato que vamos encontrar a nova fase da
Literatura Infantil Brasileira como afirma Nelly Novaes Coelho: "A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje..." (COELHO, 1991, p. 225).
Piaget conceituou o desenvolvimento como um processo de equilíbrio progressivo, que tende a formas cada vez mais aperfeiçoadas até a aquisição do pensamento operacional formal. O equilíbrio refere-se à forma pela qual o indivíduo lida com a realidade na tentativa de compreendê-la, obtendo como finalidade à adaptação. Piaget (1967), explica que o desenvolvimento consiste de constantes passagens de um estado de equilíbrio para um estado de desequilíbrio, resultando num equilíbrio superior. Assim, a criança desenvolverá de uma maneira mais eficiente e saberá interagir com o seu ambiente.
Afim definir essas diferentes formas de interação, Piaget divide o desenvolvimento intelectual da criança em quatro grandes estágios sequenciais: sensório-motor (0 - 2 anos); pré-operacional (2 - 7 anos); operacional concreto (7 - 11 anos) e operacional formal (a partir dos 11 - 12 anos). As idades cronológicas, durante as quais se espera que as crianças desenvolvam comportamentos representativos de um dado estágio, não são fixas. Elas podem variar de acordo com a experiência individual e o potencial hereditário (Piaget, 1964). Ressalta-se que cada estágio possui uma estrutura diferente que possibilita à criança representar certos conceitos. Dentre esses conceitos está a reversibilidade, que consiste na capacidade de reverter mentalmente um tipo de raciocínio, ou seja, partir de determinado ponto e voltar a ele fazendo uma operação inversa. As crianças adquirem este tipo de raciocínio durante o estágio das operações concretas. Assim nada mais oportuno que aproveitar dessa fase da criança para despertar o gosto e o prazer pela leitura.

Destaca-se que atualmente parece que nossa sociedade vem se esquecendo das crianças e de sua ludicidade, pois o que mais se encontra nas escolas para crianças são professores querendo alfabetizá-las desde os primórdios da Educação Infantil. Vários estudos mostram a importância de se desenvolver a criatividade a ludicidade da criança através da leitura. Mas as escolas não conseguem realizar um planejamento escolar que não seja apenas pedagógico. Assim, as crianças estão cada dia sendo mais vítimas das falhas dos adultos que estão arrancando a sua liberdade de brincar, imaginar, fantasiar, entre outros. A escola na sua função alfabetizadora está valorizando somente "a escrita", de tal maneira que menospreza a função lúdica da Literatura Infantil que é tão importante para a formação de seres pensantes, pois a leitura estimula a imaginação.

Zilberman (1993) mostra que em muitas escolas o processo de alfabetização ainda é feito de forma mecânica e estática, fazendo com que a criança se afaste dos livros, seja por ter sido alfabetizada de maneira inadequada, seja por desejar esquecer experiências didáticas desprazerosas.

Diante desse contexto, a literatura poderá ser um instrumento poderosíssimo para a formação psicológica dos educandos, pois ela forma porque ensina (JABUR, 2003). É sabido que países civilizados sempre basearam suas instruções nas letras. Desse modo, acreditasse que a literatura vai além das obras e pode ser definida de acordo com (CANDIDO, 1972) como algo que exprime o homem, então, atribuir a literatura uma função psicológica é perfeitamente aceitável, pois independente da idade ou da condição

social, a fruição da literatura baseia-se na necessidade de fantasia que o ser humano possui (JABUR, 2003). A fantasia na maioria das vezes está relacionada a uma realidade e, como base nesse vínculo, fantasia e realidade, é possível pensar em literatura com determinada função na formação do homem, embora esta não tenha que cumprir tal papel (JABUR, 2003). Assim, pode-se dizer que a personalidade de qualquer ser humano, sobretudo a da criança, pode sofrer forte influência da literatura, uma vez que esta atua de forma que não se pode avaliar (CANDIDO, 1972).

Segundo Zilberman (1987, p.12) "o ler relaciona-se ao desenvolvimento linguístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com função específica da fantasia infantil, com credulidade na história e a aquisição do saber". Nesse sentido a literatura infantil oferece a parte contrária ao caráter pedagógico, compreensível a partir do exame da perspectiva da criança e do significado que o gênero pode ter para ela. Sua atuação dá-se dentro da faixa de conhecimento, porque pode conceder ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais, o saber adquirido dá-se por meio do domínio da realidade empírica, isto é, aumenta a dimensão de compreensão, aquisição de linguagem produtos recepção histórica pela audição ou leitura e da decodificação da mesma.

No processo inicial da leitura, ocorre o que se chama de decodificação, ou seja, a inteligência opera com a discriminação visual dos símbolos impressos e a associação entre a palavra impressa e o som. A visão, o tato, a audição, o olfato e o paladar também estão envolvidos nesse processo como referenciais elementares na aquisição dos símbolos gráficos, já essa "leitura sensorial" começa muito cedo em nossa vida.

É importante também destacar a "leitura emocional" que os sentimentos, as emoções mostram até inconscientemente. Bettelheim (2002, p.185), relata que a leitura de uma estória para a criança deverá ser realizada com todo um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar a ela. Abramovich (1993, p.14) reforça esse argumento relatando que:

Ler histórias para crianças sempre é poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um ator, e então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de desenvolvimento. É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões.

As estórias existem para serem contadas e não traduzidas ou interpretadas, menos ainda para serem questionadas como tarefa escolar neste momento em que se busca despertar o prazer pela leitura. Assim, é preciso, resgatar urgentemente em nossas escolas, principalmente nas de Ensino Fundamental e de Educação Infantil a prática de leitura por prazer, sem cobrança de entendimento dos textos por meio de provas cansativas e acadêmicas. Toda a escola deveria, pelo menos uma vez por semana, propiciar às crianças o manuseio de livros em sala de aula para desenvolver o gosto pela leitura em seus aspectos sensoriais, emocionais e intelectuais, de uma forma racional e dinâmica.

Desse modo, resgatando o gosto pela leitura estaremos contribuindo para que as crianças sejam pessoas mais bem-resolvidas no futuro. Quando os educadores se conscientizarem desse papel, ocorrerá a grande e esperada transformação na educação. Assim sendo, nada mais oportuno que iniciar essa atividade desde a Educação Infantil, pois se conseguirmos fazer com que a criança desde as primeiras séries tenha contato com contos e poesias conquistaremos significativo avanço intelectual e assim poder-se-á inferir uma quebra do paradigma que crianças menos favorecidas socioeconômico e culturalmente não aprendem a ler e escrever porquê não tiveram contato com materiais apropriados desde pequenas.
Portanto, propiciar a experiência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que segundo Vigotsky (1992, p.128)

caminham juntos: "a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista.". Neste sentido, o autor enfoca que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: "afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece. (VIGOTSKY, 1992, p.129) ".

O ato de ouvir histórias vai além do prazer, pois é através deste que a criança pode conhecer coisas novas, para que efetivamente sejam iniciados a construção da linguagem, da oralidade, ideias, valores e sentimentos, ao quais ajudará na sua formação pessoal e na sua leitura de mundo, que é o primeiro contato de leitura construída por uma criança.

Assim poder-se-á verificar o papel da literatura infantil para o desenvolvimento do gosto para a leitura; a conquista da linguagem oral e escrita e o que consideramos primordial na educação atualmente - a formação integral do indivíduo como cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

A escola tem um papel fundamental para garantir o contato com livros desde a primeira infância: manusear as obras encantar-se com as ilustrações e começar a descobrir o mundo das letras. Faz-se adequado e necessário que toda escola tenha seu projeto de leitura, embasado, por questões que façam com que haja a ampliação de capacidade de compreensão e interpretação de conteúdos. Os livros qualitativos têm como características a apresentação de uma linguagem cuidadosa e com valor ético. Eles por muitas vezes propõem trocadilhos, metáforas, provérbios, parlendas e jogos sonoros – construções estas que, quando observadas e decodificadas contribuem para a formação do repertório literário do leitor da educação infantil.

O educador deve perceber a pertinência temática, a proposta poética e a construção da narrativa, tal como o cenário, dos personagens para aplicar os contos, ou histórias para a aplicação das atividades, seja na sala de aula,ou mesmo na biblioteca escolar. O ato de contar histórias é, sem dúvida, uma atividade que oportuniza ao aluno a realização das tarefas de leitura e escrita com mais qualidade.

Assim, é possível compreender a importância do papel da literatura infantil para o desenvolvimento do gosto para a leitura; a conquista da linguagem oral e escrita e o que consideramos primordial na educação atualmente a formação integral do indivíduo como cidadão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira. Era uma vez...na escola: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n° 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. PCN Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: Ciência e Cultura. São Paulo. v.24, n.9, 1972.

COELHO, N. C. Literatura Infantil. São Paulo: Ática, 1997.

FARIA, M. A. Como usar a literatura infantil na sala de aula. 5 ed. São Paulo. Contexto: 2009. (Como usar na sala de aula).

FREIRE. Paulo. A importância do ato de ler(em três artigos que se completam). São Paulo, Autores Associados/ Cortez, 1982

FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. 23. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã. São Paulo: Cortez, 1994.
_____ e ROMÃO, José E (ORGS). Autonomia da escola; princípios e propostas. 5 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002. JABUR, M.R.M. Sidónio Muralha: um poeta português na literatura infantil brasileira. Dissertação de Mestrado. UNESP – Araraquara, São Paulo, 2003. LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos. São Paulo: Global ed., 1986.
OLIVEIRA, Antenor S. Curso de Literatura Infantil. Ed. Santos de Oliveira, 1978.
MIGUEZ, Fátima. Nas arte manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula. Rio de Janeiro: Zeus, 2000, p.15.
Nova Escola, Fala Mestre - Edição Nº 145, Setembro, 2001.
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: língua portuguesa Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
SILVA, S.; VIZIM, M. (org.).A diferença corporal na literatura: um convite a "segundas leituras".Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado das Letras,2001.
SOUZA, Renata Junqueira de. Narrativas infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.
ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar. 1964.
PIAGET, J. A construção do real. Rio de Janeiro: Zahar.1967.
ZILBERMAN, R. O estatuto da literatura infantil. In: _____; MAGALHÃES, Lígia